

## A desconstrução e reconstrução humana no romance *Ensaio sobre a cegueira*

Lúcia Maria de Souza<sup>1</sup> (USP)

### Resumo

A luz da reflexão sobre o estado de cegueira social retratado no enredo de *Ensaio sobre a cegueira* nos leva refletir acerca da cegueira apresentada no texto bíblico, que pode ocorrer de duas formas: por falta do órgão da visão ou pela falta de consciência, em ambos os casos trata-se de possível desestruturação humana e espaço-temporal, até a quase nulidade da existência. No entanto, através de resquícios de esperança e de rituais de purificação, executados no romance de Saramago pela mulher do médico e no texto bíblico pela figura de Jesus Cristo, os sinais de desconstrução são convertidos em sinais de reconstrução humana e espaço-temporal. Propomos uma reflexão do estado de cegueira, suas causas e conseqüências para as personagens, desestruturação humana e espaço-temporal, e a reconstrução da tríade através de atitudes que revelam características não só humanizadas, mas misericordiosas.

**Palavras-chave:** cegueira, desconstrução, reconstrução, purificação, sinais

### Introdução

(...) La frecuente destrucción de los ojos, que constituyen la indicación más clara y evidente de la vitalidad de la figura representada. Cuanto más vitales son los ojos, más vital es el cuerpo. Eliminemos los ojos y desaparecan los signos de vida. (...) Todos sentimos que privar a una imagen de sus ojos equivale a negarle directamente la vida<sup>1</sup>. (FREEDBERG, 1992. p.463)

David Freedberg em seu livro *El poder de las imágenes* (1992) nos apresenta um valioso trabalho acerca das imagens na história da humanidade. Seu trabalho faz um levantamento de diversas imagens sociais e o poder que elas exercem no imaginário humano. Em determinada parte o autor ressalta a importância dos olhos para a imagem. Interessa-nos, sobretudo, a importância atribuído ao órgão “privar a uma imagem de seus olhos equivale a negar-lhe diretamente a vida”<sup>2</sup>(p.463).

Com essa primeira reflexão podemos expor o objetivo desse trabalho que é aproximar a análise da trama de *Ensaio sobre a cegueira* com o livro dos Sinais da Bíblia Cristã e trabalhar com a possibilidade de as personagens de ambos os textos estarem vivendo experiência semelhante ao de ter a vida quase que totalmente deteriorada pela falta da visão.

No romance de Saramago as personagens ao perderem (mesmo que temporariamente) o sentido da visão, perdem também características primordiais e

---

<sup>1</sup> A frequente destruição dos olhos, que constituem a indicação mais clara e evidente da vitalidade da figura representada. Quanto mais vitais são os olhos, mais vital é o corpo. Eliminemos os olhos e desaparecem os signos da vida (...) Todos sentimos que privar a uma imagem de seus olhos equivale a negar-lhe diretamente a vida. (Tradução nossa)

<sup>2</sup> Tradução nossa.

submetem-se a degradação humana, neste caso não só humana, mas também espaço-temporal:

O sinal verde acendeu-se enfim, bruscamente os carros arrancaram, mas logo se notou que não tinham arrancados todos por igual. (SARAMAGO, 1995, p.11)

E o motivo de o carro não ter saído foi justamente o primeiro sinal de desconstrução humana e espaço-temporal revelado pela personagem: “Estou cego” (*Idem*, p.12). A partir de então desfilam inúmeros sinais que formam cenário de guerra e horror no romance, como que potencializando uma realidade de desequilíbrio e desestruturação da vida pela falta da visão.

#### 1. O sinal de desconstrução humana e espaço-temporal: a cegueira

Após o primeiro caso, na sequência outras personagens passam pela mesma experiência, são acometidas pelo **mal branco**, o ladrão, a rapariga dos óculos escuros, a mulher do primeiro cego, o rapaz estrábico, o velho da venda preta. Os fatos indicam a ocorrência de uma certa desestabilização social, dado que o mal branco foi sorrateira e inesperadamente atacando diversos segmentos da sociedade representados pelas personagens não nomeadas, mas identificadas por suas características físicas ou profissionais, e após a cegueira branca foram levadas ao manicômio, o que nos esclarece a desestruturação humana e espaço-social incipiente: “Os outros cegos chegaram juntos. Tinham-nos apanhado nas suas casas, um após o outro” (SARAMAGO, 1995, p.48)

Dessa forma o mal branco alastrou-se por toda cidade:

(...) houve centenas de casos todos iguais, todos manifestando-se da mesma maneira, a rapidez instantânea, a ausência desconcertante de lesões, a brancura resplandecendo do campo visual (...) (*Idem*, p.122)

Como todas as personagens, exceto uma, foram acometidas, a cidade virou um espaço quase totalmente degradado. As condições de sobrevivência eram mínimas, fosse dentro ou fora dos lugares onde as personagens foram levadas. Os sinais de desconstrução espaço-temporal foram impostos pela falta da visão, ou de uma visão que trata Maurice Merleau-Ponty em seu livro *Fenomenologia da Percepção*:

(...) existe (...) uma visão passiva, sem olhar, como a de uma luz ofuscante, que não exhibe mais um espaço objetivo diante de nós e na qual a luz deixa de ser luz para tornar-se dolorosa e invadir nosso próprio olho (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 422)

A brancura leitosa nas vistas das personagens pode, a nosso ver, estar relacionada ao estado de passividade, que de tão ofuscante torna-se dolorosa. Ao que nos ocorre esta mesma passividade diante da situação de caos torna-se um dos sinais de desconstrução humana e espaço-temporal que chega quase a eliminar as

personagens nos espaços degradados que se tornaram: “Os contaminados defendiam a porta a soco e a pontapé, os cegos respondiam como podiam (...)” (SARAMAGO, 1995, p.113).

Observa-se na cena descrita acima a degradação humana como consequência da cegueira que evolui e inflama em um processo gradativo, ao lado de outra consequência da cegueira a desconstrução temporal, como podemos apreender da análise do fragmento a seguir: “O tempo está-se a acabar, a podridão alastra, as doenças encontram as portas abertas, a água esgota-se, a comida tornou-se veneno”(idem, p. 283)

A primeira oração do fragmento acima desvela a desconstrução temporal (o tempo está-se a acabar), o tempo presente no meio do infinitivo expressa com clareza que o tempo caminha para o fim.

O fragmento abaixo nos proporciona elementos que contribuem para a nossa reflexão:

Não sei como poderemos continuar a viver se o calor apertar, disse o médico, todo este lixo a apodrecer por aí, os animais mortos, talvez mesmo pessoas, deve haver pessoas mortas dentro das casas (...) (Idem, p.281)

O excerto acima figurativisa a desconstrução da tríade: humana (pessoas mortas), o espaço (pessoas mortas nas casas) e o tempo (não sei como poderemos continuar a viver se o calor apertar) concomitantemente.

A tal ponto de desconstrução chegou a situação no romance que os elementos humano e espaço-temporal por muito pouco não foram totalmente sucumbidos. O fio, portanto, que os segurou, e ao nosso ponto de vista o mais forte sinal de reconstrução, foi a mulher do médico com traços de humanidade e compaixão.

A partir da mulher sinais de reconstrução são verificados através do caminho da reconquista da visão das personagens, pois ela não ficou indiferente à situação vivida pelo seu grupo e por todas as personagens que aparecem no romance. Suas atitudes leva-nos a refletir o que Zygmunt Baumann disserta sobre o Holocausto dos Judeus em seu livro *Modernidade e Holocausto*:

A autocura da memória histórica que se processa na consciência da sociedade moderna é (...) mais que uma indiferença (...) é (...) um sinal de perigosa cegueira(BAUMANN, 1998, p.12)

A personagem não deixa o véu da inconsciência cegá-la, então torna-se uma espécie de consciência coletiva ao conduzir as demais consigo e através de suas atitudes ocorrem outros sinais de reconstrução espaço-temporal.

## 2. Sinais de reconstrução humana e espaço-temporal: os rituais iniciáticos

Os primeiros sinais de reconstrução humana e espaço-temporal encontram já com as personagens que entram descalças a casa do médico “Entraram pois, descalços”

(SARAMAGO, 1995, p. 258). No texto bíblico encontramos um relato sobre o chamado de Moisés, quando Deus o chama diz: “Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado” (BÍBLIA SAGRADA –

Antigo Testamento, Êxodo. 3, 4-5 p.72)

Outro sinal importante podemos apreender a partir do momento da entrada a casa do médico: “o da limpeza dos móveis o médico percorria vagarosamente os móveis com as mãos, deixava-lhe sinais na superfície, era a primeira limpeza que começava (...)” (SARAMAGO, 1995, p. 258). Sem se dar conta o médico inicia o processo de purificação ao percorrer as mãos pelos móveis como que tirando a poeira, a sujeira e revelando a essência do móvel, da mesma forma com que todos tiram os sapatos e as roupas:

A mulher do médico disse, Dispam-se todos, não podemos ficar como estamos, as nossas roupas estão quase tão sujas como os sapatos (...) A mulher do médico recolheu as roupas deixadas no chão, calças, camisas um casaco, camisolas, blusões, alguma roupa interior, pegajosa de imundície (...) A mulher do médico sentiu frio, lembrou-se dos outros, ali no meio da sala, nus (SARAMAGO, 1995, p. 258-260)

Nos fragmentos destacados as personagens são apresentadas sem calçados e sem roupas, ou seja, despojados de toda sujeira corpórea, como se a imundície do corpo fosse retirada com a roupa e os calçados sujos, que foram trocados. Na manhã seguinte veio a chuva e então a mulher do médico aproveitou para lavar (...) tudo o que precisava ser retirado a sujeira(...) (p.265), que logo se misturou ao banho dela mesma (despiu de golpe a bata molhada, e, nua (...) pôs-se a lavar as roupas, ao mesmo tempo que a si própria (*idem*) e logo depois as duas mulheres, a rapariga dos óculos escuros e a mulher do primeiro cego se juntam a ela: “Tirem a roupa que tem vestida (...) estão além três mulheres (...) três graças nuas sob a chuva que cai (...) As mulheres já estão lavadas, agora é a vez dos homens (...)” (SARAMAGO, 1995, p. 266-268).

A cena do banho das três mulheres sugere as três graças da mitologia, que foi pintada por vários artistas dentre eles Carle Van Loon (1763). Segundo Commelin (1997) as três graças na mitologia representava em seu conjunto a luz, a alegria e o renascimento. Portanto, é possível que o banho das três mulheres seja um momento de purificação e harmonia das personagens com o cosmos, elas representam a alegria, a harmonia e a fertilidade, um mundo purificado e harmonioso.

Na mitologia Grega, as Graças são conhecidas como as **Deusas da Felicidade** Aglaia/Abigail, Euphrosyna e Thalia, cada uma personifica respectivamente, o esplendor, a alegria, o desabrochar. Na Teogonia de Hesíodo, o poeta grego, sustenta que as graças eram filhas de Zeus, o deus dos deuses e de Eurynome, uma ninfa do Oceano. Hesíodo descreveu as Carites (Graças) do grego Chari como jovens de belas faces, senhoras da fertilidade, do encantamento, da beleza e da amizade. Sêneca (IV a.C.) descreve-as como donzelas sorridentes, desnudas ou cobertas por tecidos transparentes, envolvidas pela generosidade. Os filósofos iluministas do século XV (Florença) como as três fases do amor beleza, despertar do desejo e alcance da satisfação ou como símbolo da castidade. As Graças associava-se o que promove

encantamento, prazer, satisfação, júbilo, deleite e fruição com a vida, por isso acreditava-se que elas presidiam banquetes, danças, encontros sociais, ocasiões de emoções positivas. (COMMELIN, 1997).

Toda positividade que representam as mulheres no ritual do banho, ao nosso ver, pode representar uma nova visão de mundo, alicerçada sob o prisma da renovação e purificação sinalizadas pela voz do narrador ao indicar as três graças da mitologia. Nesse sentido podemos pensar numa possível reconstrução das relações humanas e espaço-temporal, ou seja, o homem na reconquista do seu meio como relatam os estudos de Eliade (2001) a respeito do banho cosmogônico e a simbologia da água. Em suas palavras:

As águas simbolizam a soma universal das virtualidades, elas são *fons et origo*, o reservatório de todas as possibilidades de existência (...) A emersão repete o gesto cosmogônico da manifestação formal; a imersão equivale a uma dissolução das formas. É por isso que o simbolismo da água implica tanto a morte como a renascença. O contacto com a água comporta sempre uma regeneração (...) <novo nascimento> (...) a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida (...) <segunda morte> do homem ou a morte iniciática do baptismo (...) a imersão nas águas equivale (...) a uma reintegração passageira no indistinto, seguida de uma nova criação, de uma vida ou de um <homem novo. (...) banhos rituais primaveris que trazem saúde e fertilidade (...) precede a criação (ELIADE, 2001, p.139-140)

Ao que nos indica, as reflexões de Eliade, o banho está ligado à renovação, a possibilidade da criação ou da re-criação, um novo nascimento, é o que nos parece revelar os banhos que ocorrem em *Ensaio sobre a cegueira* nesse momento da narrativa. O banho revela um espaço também transformado, como se a conquista do Paraíso, que para Eliade está ligada à nudez ritual. Em suas palavras: A nudez ritual equivale à integridade e à plenitude: “o Paraíso (...) (imagem arquetípica do Tempo). Toda a nudez ritual implica um modelo intemporal, uma imagem paradisíaca”. (*idem*, p.145). Em outras palavras, a busca da renovação, da imortalidade, o nascimento do homem novo, é inclusive o que também ocorre com o banho dos homens representado pelo velho da venda preta: “O velho da venda preta despiu o pijama (...) depois (...) entrou na banheira (...) Ajoelhou-se no fundo da banheira” (SARAMAGO, 1995, p.269).

O velho da venda preta foi o único banho relatado por parte dos homens, como se ele pela sua sabedoria e velhice representasse todos os outros. Observamos que esse banho é feito por imersão, como se a personagem buscasse com esse ato as possibilidades de renovação, regeneração, uma nova vida. Estabelecendo um paralelo entre o banho lustral das mulheres e do velho, podemos refletir que além da limpeza do corpo o ato de ajoelhar, seria um ritual de pedido de perdão (ajoelhou-se no fundo da banheira), quase que lhe faltava água, enquanto as mulheres tinham seus corpos totalmente encharcados pela água da chuva.

O gesto do velho da venda preta sugere um pedido de perdão, talvez pela forma como o homem sempre agiu socialmente, sendo a personagem que carrega em si as decisões e reações diante do mundo. A imagem representada pelo velho pode ser a de um homem humilde, que está tão frágil como todas as pessoas do universo. Ao sair do banho e retornar a sala o velho estava limpo e renovado: “Já temos um homem limpo e barbeado” (SARAMAGO, 1995, p.269), como se todos os homens estivessem também limpos e purificados, renovados enfim.

Eliade (1989) ao tratar dos rituais de iniciação explica que o banho possui um caráter de renovação e renascimento (p.124), uma espécie de ressurreição, prepara o homem para uma vida nova, regenerada, purificada. Simbolicamente o banho pode ainda significar que o sujeito está entrando em um processo iniciático, ou seja, fará parte de um novo grupo, nesse caso o novo grupo é a nova sociedade, renovada a partir do sofrimento durante a peregrinação dos espaços propostos na narrativa. Dessa forma tanto o banho das mulheres, como do velho, podem ser interpretados como um ritual de purificação e de uma vida nova.

O banho ritualístico iniciático é fonte de imortalidade, de regeneração, ou seja, de um novo nascimento. O confronto entre os horrores e a vitória formam a base do ritual de iniciação. A morte iniciática, que pode ser representada pela cega das insônias, poderia ser uma espécie de retorno ao caos para a preparação do novo nascimento, como nos apresenta Eliade (1989).

Já na Idade Média, os cavaleiros eram iniciados através do banho antes da sacração. Era um costume muito antigo, que aparece de inúmeras formas, nas mais variadas culturas, porém, em todos os casos, está relacionado com a questão do renascimento, dentro de uma certa perspectiva entre vida e morte, com o surgimento de um homem novo. Assim, as religiões cristãs, ao procederem ao ritual do batismo, passam por este mesmo processo de renovação. (CHEVALIER; GHEERBRANDT, 1999, p.16)

No cristianismo o banho é símbolo de purificação e de renovação de corpo e alma: “Quem já tomou banho, está todo limpo” (BÍBLIA SAGRADA – Novo Testamento, João 13, 10, p.1375). Quando João Batista inicia sua atividade profética sua missão era a de batizar, e através do batismo, feito através do rito da imersão e emersão, as pessoas tornavam-se purificadas e renovadas de seus pecados (Mateus 3, 5-6), o que caracterizava uma espécie de iniciação a uma nova vida, significa a purificação dos pecados nas águas da morte, a purificação através da água lustral, o retorno do ser às origens da vida. “A emersão revela a aparição do ser em estado de graça, purificado, reconciliado com uma fonte divina de vida nova”. (CHEVALIER, GHEERBRANDT, 1999, p. 119)

## 2.2. O número sete: indicador da reconstrução do caos

A imortalidade presente na ação do banho ritualístico e a questão da iniciação do ser a um novo grupo, ou a uma nova vida, nos leva a refletir sobre o número sete que formou o grupo das mulheres.

Na simbologia o número sete trata-se da totalidade do ser e do mundo; sua presença é bastante forte nos rituais sagrados, em que a presença divina se faz concreta, espécie de junção entre a cosmogonia, a sacralidade e a humanidade. (*idem*)

As sete mulheres que satisfizeram os homens nos fazem lembrar do grupo dos **sete peregrinos**, como observamos anteriormente, e aparece agora, novamente, sendo que a mulher do médico, em ambos os casos, tem uma função de extrema importância, por estar sempre no centro, como que unindo os outros seis integrantes ao restante do mundo.

No livro do Apocalipse também existe a presença muito forte da simbologia do número sete, este que guarda em si um segredo ou um mistério. Por isso, ligada à palavra **Apocalipse**, está a palavra **revelação** por meio de sinais. Estes sinais que viu o profeta João, das sete igrejas, sete velas no candelabro, sete estrelas, sete flagelos, todos estes símbolos estão ligados à conclusão cíclica e à renovação cosmogônica. O sete é

símbolo de um ciclo positivo, na maioria das vezes. Os sete graus da perfeição de mudança em multiplicação ao infinito. Também se refere às virtudes teológicas e cardeais: a fé, a esperança, a caridade, a prudência, a temperança, a justiça e a força (CHEVALIER; GHEERBRANDT, 1999, p.827). Parece-nos que, ao referir-se ao número sete, Saramago alude a toda esta simbologia de renovação e virtudes, à totalidade da essência humana e à sua integralidade, que são reveladas à medida que o grupo percorre cada trajeto da via-crúcis<sup>3</sup>. Assim, os rituais iniciáticos e a simbologia do número sete nos encaminham ao processo de renovação cosmogônica que as personagens revelam com suas atitudes e ações, cada uma com uma missão dentro do grupo, embora a quase que total deterioração do espaço social apresentado no desenrolar da narrativa.

O Apocalipse é marcado pela presença do número sete, que aparece também em outros livros bíblicos, como no Evangelho de Mateus, na multiplicação dos cinco pães e dois peixes, quando Jesus se refere ao perdão; aparece, também, nos outros Evangelhos e, no livro de Gênesis, encontramos a narrativa da criação, segundo a qual o Criador trabalhou seis dias e descansou no sétimo, o que aponta para o ciclo completo, a totalidade do espaço e do tempo, uma perfeição dinâmica (*idem*).

Há, na simbologia do número sete, uma centralidade bem marcada, pois há sempre seis iguais e um diferente, o que nos faz pensar que Saramago teria utilizado no romance este número para justamente indicar a centralidade ligada à personagem da mulher do médico, pois, no grupo das mulheres, ela era a sétima, a única que via. No grupo dos escolhidos, ela também estava marcada com o diferencial, os seis cegos e ela no centro, como guia.

O sete está ligado, ainda, ao tempo da peregrinação terrestre do homem, segundo Santo Agostinho (*idem*, p.828). Este tempo de peregrinação nos chama a atenção pelo fato de estarmos tratando de um grupo que percorre uma via-crúcis, ou seja, uma peregrinação que, simbolicamente, remete a toda a humanidade em constante movimento, em busca de integração ao seu mundo, com o intuito de restabelecer as relações de humanidade que, em sua essência, precisaria de uma **ressacralização** (ELIADE, 2001), ou seja, de uma renovação e resgate de conceitos basilares na construção de uma sociedade mais agregada em si mesma, uma forma de luta constante contra a violação dos direitos inerentes ao ser humano. Essa luta é representada pelo grupo das sete personagens, sobretudo, pela mulher do médico.

### 3. O sublime sinal da reconstrução: a cura

Após os rituais iniciáticos as personagens já se apresentam novos e preparados para uma nova experiência de vida. O banho que purifica é aquele que eleva o indivíduo a experiência **transcendental** como propõe a entrada e os rituais realizados pelas personagens na casa do médico.

Após os rituais de limpeza e do banho, as personagens parecem então preparadas para uma nova experiência como ocorre no fragmento a seguir:

Julgou o primeiro cego ter finalmente esclarecido esta dúvida quando de repente o interior das pálpebras se lhe tornou escuro, Adormeci, pensou, mas não, não tinha adormecido, continuava

---

<sup>3</sup> Abordamos este assunto na Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas na área de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo em 2010.

a ouvir a voz da mulher do médico, o rapazinho estrábico tossiu, então entrou-lhe na alma um grande medo, acreditou que tinha passado de uma cegueira a outra, que tendo vivido na cegueira da luz iria viver agora na cegueira da treva, o pavor fê-lo gemer, Que tens, perguntou-lhe a mulher, e ele respondeu estupidamente, sem abrir os olhos, Estou cego, como se essa fosse a última novidade do mundo, ela abraçou-o com carinho, Deixa lá, cegos estamos nós todos, que lhe havemos de fazer, Vi tudo escuro, julguei que tinha adormecido, e afinal não, estou acordado, É o que deverias fazer, dormir, não pensar nisso, O conselho aborreceu-o, ali estava um homem angustiado como só ele sabia, e a sua mulher não tinha mais nada para lhe dizer senão que fosse dormir. Irritado, já com a resposta azeda a sair-lhe da boca, abriu os olhos e viu, Viu e gritou, Vejo. O primeiro grito ainda foi o da incredulidade, mas com o segundo, e o terceiro, enquanto mais, foi crescendo a evidência, Vejo, vejo, abraçou-se à mulher como louco (...) (SARAMAGO, 1995, p.306)

A cena mostra uma gradação e um processo de transição que ocorre nas vistas da personagem (a brancura ofuscante dos seus olhos depois de repente o interior das pálpebras se lhe tornou escuro), nesses dois períodos vê-se o oxímoro brancura ofuscante e escuro, como um momento de transição da cegueira, ao ponto de pensar que estava com outro tipo de cegueira (acreditou ter passado de uma cegueira a outra) ou seja ao invés da cegueira branca a escura, (vi tudo escuro, julguei ter adormecido e afinal, estou acordado), a personagem estava confusa se estaria dormindo ou não, ao que constata por fim estar acordada e ao abrir os olhos percebeu que via. Assim como o primeiro cego todas as outras personagens recuperam a visão (a rapariga dos óculos escuros, o médico) enfim toda a cidade.

Após as análises de *Ensaio sobre a cegueira* podemos aproximar toda a trajetória das personagens do romance no contexto que propomos examinar com o texto bíblico.

#### 4. Possíveis proximidades entre *Ensaio sobre a cegueira* e o Livro dos Sinais da bíblia cristã

O Evangelho de João é conhecido como Livro dos Sinais. Ao todo são sete sinais que tem por objetivo revelar Jesus aos homens.

O primeiro sinal trata dos milagres de Jesus como anuncio e legitimidade de sua missão, o segundo e o terceiro relatam episódios que retratam um dos dons de Jesus: a cura, o quarto o ensinamento da partilha, o quinto ensina que o cristão deve confiar plenamente no filho de Deus, o sexto trata da cegueira da humanidade como um mal que deve ser superado para combater o sofrimento e o último sinal é a ressurreição<sup>4</sup>.

(...) Jesus cuspiu no chão fez barro com a saliva e com o barro ungiu-os olhos do cego. E disse: ‘Vá se lavar (...). O cego foi,

---

<sup>4</sup> A este respeito foi consultada a Introdução ao Evangelho de João, Bíblia Sagrada, Edições Paulinas, 1990.



lavou-se e voltou enxergando. Os vizinhos e os que costumavam ver o cego, pois ele era mendigo, perguntavam: ‘Não é ele que ficava sentado, pedindo esmola?’ (...) Ele (...) dizia: ‘Sou eu mesmo’ (...) (BÍBLIA SAGRADA – Novo Testamento, João 9, p.1353 v.6 a 9)

A cegueira que trata a bíblia é a cegueira da sociedade um dos sinais do fim do mundo, que não chegou ao fim porque Jesus realiza o grande sinal: a cura. Enquanto cego o homem não podia trabalhar, vivia no submundo da mendicância, mas torna-se novo, descobre-se no mundo e vivo quando é curado.

A cura ocorre através da limpeza dos olhos em um ritual que nos faz recordar o banho iniciático como vivido pelas personagens de *Ensaio sobre a cegueira* como exposto anteriormente que possui um caráter de renovação e renascimento, ou espécie de ressurreição. João representa a limpeza utilizando dois símbolos da terra representada pelo barro e a água através da saliva, dois símbolos representativos da essência do cosmo, como um ritual de retorno.(ELIADE, 1989)

Ao lavar-se o cego passa por uma espécie de rito batismal, de onde saiu purificado e de olhos abertos, como que ressuscitado para uma nova etapa de sua vida, o banho e a água conforme o Dicionário de Simbologia pode representar três temas dominantes “fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência, fertilidade e fecundidade, ou origem da criação para a tradição judaica cristã, a água apaga todas as infrações e toda mácula (...) faz aceder a um outro estado: o do homem novo”(CHEVALIER; GHEERBRANDT, 1999, p.16) tal qual ocorre com as personagens de *Ensaio sobre a cegueira*, o que nos faz levantar a hipótese de renascimento para as personagens de ambos os textos que perpassam por um percurso semelhante: em primeiro momento a cegueira, abstenção da vida e experiência do caos, em espaços degradados em si mesmos, até passarem pelos rituais de purificação e recuperarem a visão.

A partir das análises aqui expostas podemos conjecturar que tanto em *Ensaio sobre a cegueira* como no texto bíblico a reconstrução humana e espaço-temporal se dá através dos sinais da cura da cegueira, sinais estes representados através da limpeza dos olhos e do banho no texto bíblico e do corpo todo para as personagens do romance de Saramago, com a limpeza elas deram a conhecer-se a si e aos outros, tomando consciência do espaço onde estão inseridas.

## **Conclusão**

Os textos analisados destroem e reconstroem, desfazem e fazem o equilíbrio das relações humanas e espaço-temporais por meio da provação do estado de cegueira.

A partir das análises expostas neste artigo, podemos inferir que o fomento simbólico: a cura da cegueira, sinal este representado através da limpeza dos olhos e do banho no texto bíblico e do corpo todo para as personagens do romance de Saramago suscita a abertura de realidade assumindo diversas possibilidades. As personagens em ambos os textos purificam-se. Com a limpeza dar-se-á origem a uma realidade nova e arrojada, tomam consciência do espaço onde estão inseridas, discernem-se com profundidade as relações de conhecimento de si e aos outros, ilumina-se uma realidade que potencializa e magnetiza a reconstrução humana e o espaço temporal.

## Bibliografia

- ALVAREZ, Aurora Gedra Ruiz; LOPONDO, LÍlian. *O diálogo socrático como instrumento de construção da autoconsciência*. In: Polifonia nº 11: Periódico do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem do Instituto de Linguagem da UFMTS, p.33-41, Mato Grosso, Cuiabá, 2007.
- Bíblia Sagrada*, Novo testamento. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1999.
- COMMELIN, P. *Mitologia Grega e Romana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ELIADE, Mircea. *Origens. História e sentido na religião*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Edição Livros de Lisboa, 2001.
- FREEDBERG, David. *El poder de las imágenes – estudios sobre La historia y La teoría de La respuesta*. Trad.: Purificación Jimenez y Jerónima G. Bonafé. Madrid: Cátedra, 1992.
- FOUILLOUX, Danielle (et alii) *Dicionário Cultural da Bíblia*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo, Edições Loyolo: 1998
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- KOLEFF, Miguel, FERRARA, María Victoria(Ed.). *IV Apuntes Saramaguianos- José Saramago: el debate impostergable*. Córdoba: EDUCC – Editorial de la Universidad Católica de Córdoba, 2008.
- PADOVANI, H; CASTAGNOLA, L. *História da Filosofia*. São Paulo: Melhoramentos, 1956.
- RIBEIRO, Raquel de Sousa. *Ensaio sobre a cegueira ou de Brugel a Seurat*. In. LOPONDO, LÍlian. (Org.) *Saramago segundo terceiros*. São Paulo: Humanitas FFLCH - USP, 1998.
- .José ,SARAMAGO*Ensaio sobre a cegueira*. .1995 ,das Letras .Cia :São Paulo

---

i Lúcia Maria de SOUZA, Mestre. Universidade de São Paulo (USP)  
E-mail: luj@usp.br